Ferramentas para historinhas

Apresentação no seminário sobre o livro da
Catarina Dutilh Novaes - 2026 oct 30

https://anggtwu.net/math-b.html#2026-ebct
https://anggtwu.net/2026-alguns-motivos-bel.html

Eduardo Ochs
Psicopata do CEFET
RCN/PURO/UFF

Índice

Trabalhos 3
Deslizamentos semânticos 4
Memórias 5
Peter Brook 6
Peter Brook (2) 7
O leitor modelo 8
Lá no fundo 9
Confraternização de fim de ano 10
Dorgas 11
O Meu Ex-Amigo Hétero 12
"Ex-" 13
O Meu Ex-Amigo Hétero (2) 14
Lavou, tá novo 15
Lewis Carroll 16
O dicionário 17
Code switching 18
Mangas 19
Pra comer muitas mulheres 20
Consentimento 21
Men in dresses 22
...com o entregador de pizza 23
A minha mãe e a verdade como cebola 24
O Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas 25

Oláááááááá

Eu me chamo Eduardo Ochs, nasci em 1971,
e fui adolescente na década de 80,
no Rio de Janeiro...

Eu sou um monte de letras do espectro LGBTQIA+
desde a época que as letras não existiam,
e ao invés de rótulos a gente usava historinhas.

Hoje em dia eu moro na internet.

Há umas semanas atrás eu mandei umas perguntas
pro Marcos Silva por e-mail,
ele achou as perguntas boas, e me convidou
pra apresentar *alguma coisa* no seminário.

Trabalhos

Tem trabalhos em que o que você precisa
Pra ser promovido é rir do seu chefe
Quando ele faz piadas sobre estupro

Trabalhos (2)

Uma versão maior dessa história:

...eu comecei o curso dizendo:

“Vocês devem estar se perguntando:
será que esse curso vai preparar
vocês pro mercado de trabalho?
Reparem, existem muitos tipos de trabalhos, e
tem trabalhos em que o que você precisa
pra ser promovido é rir do seu chefe
quando ele faz piadas sobre estupro.”

Deslizamentos semânticos

uma mulher trans num banheiro feminino
→ um homem vestido de mulher num banheiro feminino
→ um pervertido num banheiro feminino
→ um estuprador num banheiro feminino

Memórias

Memórias são mais legais do que fotografias
porque as memórias a gente pode distorcer à vontade

Resumiu tanto que ficou errado

Disclaimer:

Algumas histórias que eu vou contar vão ser
baseadas em coisas que aconteceram e em pessoas
que existiram, mas eu vou distorcer elas tanto
que mal vai sobrar uma migalhinha do original...

Se alguém me disser “Não foi bem assim que aconteceu”
eu vou responder “pois é, eu avisei que eu ia distorcer TUDO!”

Peter Brook

O meu gosto pra filmes é estranho – o meu filme preferido é o "Mahabharata", do Peter Brook, que também era diretor de teatro e escritor. Isto é um trecho de um livro dele, o "The Empty Space":

> When years later I think of a striking theatrical experience I find a kernel engraved on my memory: two tramps under a tree, an old woman dragging a cart, a sergeant dancing, three people on a sofa in hell – or occasionally a trace deeper than any imagery. I haven't a hope of remembering the meanings precisely, but from the kernel I can reconstruct a set of meanings. Then a purpose will have been served. A few hours could amend my thinking for life. This is almost but not quite impossible to achieve.

Um outro filme dele, o "Meetings with Remarkable Men", é sobre o Gurdjieff. Quando o G era jovem ele e os seus amigos ouvem falar sobre sufis e resolvem tentar encontrá-los.

Num certo momento eles estão numa casa de chá no Afeganistão, e um sheik se aproxima, diz "Aqui se pensa bem", e se senta junto com eles:



Peter Brook (2)

Outro trecho do “The Empty Space”:

> I have seen a faithful revival of Vakhtangov’s twenties’ staging of Princess Turandot; I have seen Stanislavsky’s own work, perfectly preserved: but none of these had more than antiquarian interest, none had the vitality of new invention. (...) about five years, we agree, is the most a particular staging can live. (...) In the theatre, every form once born is mortal; every form must be reconceived, and its new conception will bear the marks of all the influences that surround it.

O leitor modelo

Se a gente tivesse muito tempo eu passaria meia hora falando de um dos meus livros preferidos, o "Lector in Fabula", do Umberto Eco, em especial o conceito de "leitor-modelo" e esta seção dele: "3.5. Autor e leitor como estratégias textuais"... Mas não tenho tempo, então vou contar uma história.

Eu participei muito da greve das universidades federais de 2012. Num momento eu tentei me juntar com os professores de Serviço Social do meu campus, mas eu vi que eles queriam produzir textos de meia página sem link nenhum, e eu fiquei revoltadíssimo com isso... eu expliquei o que eu tava fazendo e tentando fazer, e uma professora me disse: "NINGUÉM LÊ TEXTOS GRANDES".

Tem várias respostas pra isso. por exemplo:

- Algumas pessoas lêem textos grandes sim, e elas influenciam as outras;
- As pessoas que importam lidam muito bem com textos grandes e cheios de links. Você não importa.
- Você não é o meu público alvo.

Como escolher a mais adequada?

Lá no fundo

De um zine:

Antes de falar do filme deixa eu explicar umas coisas sobre o mundo no qual eu vivia. Eu vivia num mundo incrivelmente homofóbico. “Viado” era só um xingamento – a gente não conhecia ninguém que fosse homossexual, e aliás eu tinha todos os indícios de que ninguém da minha família conhecia alguém que conhecesse alguém que conhecesse alguém que fosse homossexual – mas a gente passava o tempo todo fazendo todo o possível pra não ”ser viado”, porque ”ser viado”, mesmo que fosse durante um instante só, significava cair num abismo social sem volta, era pior do que ser um leproso e um pária, era a gente passar a merecer porrada de todo mundo a toda hora, até a gente desaparecer e apagarem todos os traços (bons) da nossa existência.

Quando eu era criança eu vivia
num mundo incrivelmente homofóbico.

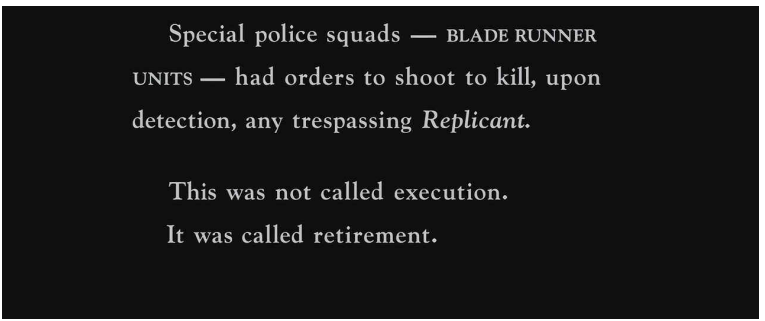
Se eu pensasse durante um segundo
em dar um abraço num coleguinha
eu era viado, e eu ia pro inferno.

Tudo que tinha a ver com cuidado ou carinho
era proibido aos homens

Aqui a idéia chave é:
lá no fundo você é viado.

A gente pode aplicar esse critério
pra outras coisas também... por exemplo:
se eu acho uma mulher bonita
durante um segundo
é porque eu quero comer ela.

Blade Runner



Confraternização de fim de ano

Dezembro, 201x.
Confraternização de fim de ano do meu departamento.
Eu tou há horas procurando uma brecha pra entrar na conversa –
mas não consigo, e não consigo falar nada.

Os meus colegas A, B e C passaram o Carnaval juntos,
no Rio, com um outro colega, D, que não está na confraternização.
eles começam a falar sobre como num momento – em Fevereiro! –
o D fez um gesto assim com a mão, e PORTANTO ele é viado.
Esse assunto se torna infinito, e não termina NUNCA.

Dorgas

Quando eu era adolescente suicídio era comum.
Dorgas também.

Uma vez uns amigos meus tomaram Trombeta,
e depois de muitas horas juntos cada um foi pra sua casa.
Às 5 da manhã um deles foi pro ponto de ônibus esperar
um ônibus que talvez só fosse passar às 6.

Ele ficou sentado na calçada e atrás dele tinha um arbusto.
Ele ouvia umas vozezinhas e via com o canto do olho
uns duendes, que estavam falando sobre ele e rindo –

Parecia que os duendes tinham descoberto coisas horríveis
sobre ele e estavam contando uns pros outros.

Toda vez que ele tentava se virar pra olhar direito
os duendes sumiam.

O Meu Ex-Amigo Hétero

Imagina que o Alex fala sobre futebol o tempo todo, ele tá sempre com a camisa do Flamengo, e ele cumprimenta as pessoas dizendo: "E aí, tricolor!", "E aí, botafoguense!", "E aí, flamenguista!"

O Bob mal lembra que futebol existe, e se a gente pergunta pra ele "qual é o seu time?" ele precisa pensar uns 30 segundos até lembrar, e aí ele diz "Ah, é Flamengo!"

O Alex é "muito" flamenguista.
O Bob é "pouco" flamenguista – *não é um traço relevante.*

O "Meu Ex-Amigo Hétero" era MUITO hétero.
Se eu estiver conversando com gente que leu Judith Butler eu posso dizer que ele "performava heterossexualidade", ou que ele "performava heteronormatividade", ou posso até pegar mais pesado ainda, e dizer que ele "performava heterossexualismo"...

Outros truques:
O Meu Amigo Hétero
→ O Meu Ex-Amigo Hétero
numa época ele era o meu único amigo hétero,
e depois virou ex-amigo...

“Ex-”

De 94 até 96 o meu melhor amigo foi um cara chamado Daniel. Nós eramos muito colados, a gente se falava todo dia, e quando a gente saía com os amigos nós frequentemente completávamos as frases um do outro.

Aí um dia aconteceu uma coisa que agora não dá tempo de eu contar, e ele se afastou de mim. E ele fez uma espécie de reengenharia mental e me apagou da história dele.

Semanas depois ele reapareceu no nosso grupo de amigos, e ele tinha escrito uma espécie de autobiografia de umas 30 páginas – “Vida de Daniel” – e posto no blog dele. Eu aparecia *en passant* em duas frases, e só.

Eu fiquei tão mal que eu ficava remoendo aquilo o tempo todo, e eu comecei a me referir a ele como meu ex-namorado pras pessoas acharem natural eu ficar falando dele. E deu super certo – o “assunto Daniel” virou um dos nossos assuntos preferidos, e as pessoas resolveram que eram muito mais legal falar “*sobre* o Daniel” do que “*com* o Daniel”.

Olha o truque: quando a gente chama uma pessoa de “ex-” passa a ser socialmente aceitável a gente falar muito sobre essa pessoa – *todo mundo entende que a gente está tentando processar o que aconteceu.*

O Meu Ex-Amigo Hétero (2)

Na nossa última tentativa de conversar – que foi por e-mail – ele me disse isso aqui:

> Ataques de pânico são coisa séria, tratáveis – necessariamente, ao meu ver – com medicação. Acho que você deveria consultar um psiquiatra.
>
> Talvez você devesse considerar mudar de psicólogo. Talvez para um profissional que ajude você, aos poucos, a enfrentar seus medos, que você já explicou muito bem quais são, mas que você está defendendo com unhas e dentes, talvez sem perceber.

Lavou, tá novo

Do “Fata Misandria no Movimento Trans”:

26. Coisa de viado

Tinha muitos tipos de pensamentos que eram “coisa de viado”. Os “homens de verdade” *nunca* pensavam aquelas coisas. Só que eram tantos tipos de pensamentos que eram “coisa de viado” que eu não acreditava que os “homens de verdade” nunca tivessem pensado nenhum deles.

O tom do modo como os homens falavam tinha certezas demais.

Eu fui chegando à conclusão de que os “homens de verdade” apagavam as memórias de terem pensado cada coisa que não deviam. Quando eles diziam que nunca tinham pensado as coisas proibidas isso não era exatamente uma mentira – eles acreditavam totalmente. Eles viviam com muito poucas memórias, porque eles viviam num eterno presente – sem memórias, e sem interior.

Essa sacação me fez entender um princípio básico do masculino: o “lavou, tá novo”. Nada se fixa: a cicatriz de um machucado desaparece no dia seguinte, a dor de um chute na canela passa em segundos, uma brincadeira babaca de um coleguinha daqui a dois minutos a gente já esqueceu. Por trás disso tem a idéia de que a gente está sempre se treinando pra ficar cada vez mais fortes – e a gente sacaneia nossos amigos “de brincadeira” não só porque “é engraçado”, mas também porque quem é sacaneado ri em triunfo quando vê que é já é forte o suficiente, e a sacanagem não doeu.

Lewis Carroll

Uma vez uma amiga minha, A, trans e professora de Matemática, fez um post no Facebook sobre um artigo sobre o Lewis Carroll que ela acabado de ler. O título do artigo era:

> The Age of Alice: Fairy Tales, Fantasy, and Nonsense in Victorian England – Alice and the Question of Victorian Childhood

O artigo era super cabeça. Um trecho:

> Drawing on the Romantics, Carroll rejected Watts's overwhelming emphasis on the innate sinfulness and corruption of all children. Instead of condemning child idleness, Alice's Adventures in Wonderland revels in the imagined worlds of fantasy and play that might open up when the books at hand provided no immediate use.
>
> In many ways, however, Carroll's approaches to childhood remained fixed to the class imaginings of his time.

Aí uma amiga da A, B, entrou na discussão e ficou falando que o Lewis Carroll era pedófilo. E toda vez que a A e eu tentávamos falar alguma coisa a B dizia que nós estávamos desviando o assundo pra defender um pedófilo, e PORTANTO nós éramos

DEFENSORES DE PEDÓFILOS.

O Dicionário

Imagina que:

- um homem te dá um presente, e
- uma mulher te dá um presente.

São duas coisas bem diferentes, né?

Como isso funciona?

Pra interpretar esses gestos você olha

- no "Dicionário de Gestos Masculinos" e
- no "Dicionário de Gestos Femininos",

e vê que eles têm significados bem diferentes.

Code switching

Pessoas LGBTQIA+ estão acostumadas como code switching...
Elas ajustam a linguagem delas de acordo com o ambiente
em que elas estão.

Dizem que “saudade” é um termo que só existe em Português.
Eu acho Hétero muito difícil, e tem muitas coisas que eu
não sei como expressar em Hétero.

Hétero é uma língua em que vários conceitos que pra mim
são muito diferentes são colapsados num só...
o meu exemplo preferido é este:

– Ai, amiga, sabe o Fulano?
Nós éramos melhores amigos, né?
Mas agora eu tou achando que ele tá gostando de mim...

Code switching 2: “Hétero” como língua

Pessoas LGBTQIA+ estão acostumadas como code switching...
Elas ajustam a linguagem delas de acordo com o ambiente
em que elas estão.

Dizem que “saudade” é um termo que só existe em Português.
Eu acho Hétero muito difícil, e tem muitas coisas que eu
não sei como expressar em Hétero.

Hétero é uma língua em que vários conceitos que pra mim
são muito diferentes são colapsados num só...
o meu exemplo preferido é este:

– Ai, amiga, sabe o Fulano?
Nós éramos melhores amigos, né?
Mas agora eu tou achando que ele tá gostando de mim...

Mangas

Qual é o termo técnico pra palavras que têm vários sentidos totalmente diferentes, como “manga”?

- Polissemia
- Homônimos
- Homônímia perfeita
- Homófonas e homógrafas

Eu vou chamar elas de mangas.

Pra comer muitas mulheres

Festa de família, *circa* 1994.
Eu tinha uns 13 anos.
O Tio Paulo resolve puxar assunto comigo.

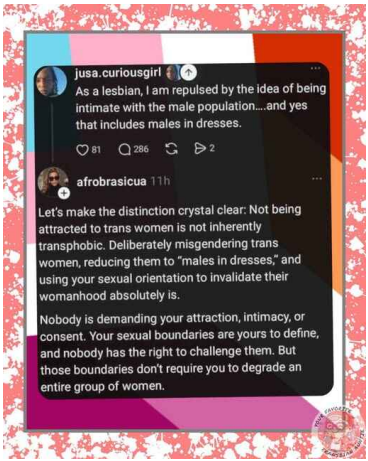
– O que você quer ser quando crescer?
– Eu quero estudar Física!
– Pra quê?
– Pra inventar tomógrafos muito melhores que os de hoje!
– Pra quê?
– Pra encontrar a cura do Câncer!
– Pra quê?
– Pra ganhar o Nobel!
– Pra quê?
– Pra ganhar bilhões de dólares!
– Pra quê?
– Pra comprar um iate de 150 metros!
– Pra quê?
– Pra comer muitas mulheres!
– Aaah, tá!

Repara, eu poderia falar em "finalidade última", "objetivo final", "desejos considerados verdadeiros" e "desejos considerados falsos", ou até citar a introdução do "Gender Trouble", da Judith Butler...

> Learning the rules that govern intelligible speech is an inculcation into normalized language, where the price of not conforming is the loss of intelligibility itself.

Mas "pra comer muitas mulheres" funciona muito melhor.

Men in dresses



...com o entregador de pizza

jusa.curiousgirl: As a lesbian, I am repulsed by the idea of being intimate with the male population... and yes that includes males in dresses.

afrobrasicua: Let's make the distinction crystal clear: Not being attracted to trans women is not inherently transphobic. Deliberately misgendering trans women, reducing them to "males in dresses," and using your sexual orientation to invalidate their womanhood absolutely is.
Nobody is demanding you attraction, intimacy, or consent. You sexual boundaries are yours to define, and nobody has the right to challenge them. But those boudaries don't require you to degrade an entire group of women.

A afrobrasicua deu uma respostas "óbvias". Deixa eu fazer umas associações menos óbvias...

1. Em Hétero "intimate" é uma dessas palavras com um monte de significados colapsados num só. Será que ela inclui "dar oi para"?

2. Quando eu era adolescente nos anos 80 o que te dava valor como ser humano – tanto pra homens quanto pra mulheres – era você transar com pessoas semi-aleatórias sem envolvimento emocional nenhum, e o ritual de iniciação mais importante de todos era perder a virgindade. *Eu não conseguia fazer nada isso, então eu era escória.*

3. Será que a jusa.curiousgirl vive num mundo (imaginário) em que tá todo mundo transando com todo mundo?

4. "Um copo d'água e um boquete não se nega a ninguém" (obs: eu achava que isso era da década de 70, do Pasquim ou algo assim, mas é do Mr Catra)

5. A pornografia é o mundo do "sim",

6. "Nos vídeos pornôs a dona de casa sempre transa com o entregador de pizza"

A minha mãe e a verdade como cebola

Pessoas LGBTQIA+ costumam fazer muitas "saídas do armário" durante a vida. Um dia a gente vê que leva uma vida falsa insuportável e que a gente tá pensando demais em suicídio, e a gente decide sair do armário – e com isso a gente chega a algo mais verdadeiro. Aí depois a gente entende mais sobre si mesmo, aprende outros termos, conversa com amigos que são bons interlocutores, chega a uma verdade melhor, se redefine, e meio que sai do armário de novo...

É como se a gente fosse descascando uma cebola.

A minha mãe era uma psicanalista homofóbica obcecada por normalidade. Meus pais eram ricos quando eu era pequeno – eles faliram quando eu tinha uns 19 anos – e aí quando eu era pequeno ela me pôs num analista péssimo, o Farofa, que hoje em dia eu acho que era uma espécie de Cura Gay (dica: vejam o vídeo do Vítor DiCastro), com argumentos tipo "eu só quero que você seja feliz" e "homossexuais sofrem muito"...

Nos últimos anos da vida dela ela foi ficando gagá, mas ela ficou gagá comigo mais rápido do que com os outros – ela não conseguia mais me olhar nos olhos há anos, e ela foi ficando com mais e mais bloqueios mentais comigo.

Elas às vezes pedia ajuda pras amigas pra descobrir o que falar pra mim.

Eu estava tentando ser cada vez mais verdadeiro.
Ela estava tentando decorar as mentiras certas.

O Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas

No capítulo 13 do ZAMM o narrador conta que o Fedro chamava a universidade de “a Igreja da Razão”, e um dia ele teve que explicar essa expressão...

Estavam discutindo o que aconteceria se o lugar ele em que ele trabalhava perdesse certas certificações por motivos políticos, e ele fez uma comparação com uma igreja que é dessacralizada e o seu prédio é vendido e vira uma fábrica de cerveja.

Nessa comparação a igreja-prédio virava algo totalmente separado da “verdadeira igreja”; a igreja-prédio virava uma fábrica de cerveja e a “verdadeira igreja” ia pra um outro lugar.

Um trecho:

Lembro-me que, quando li essas anotações pela primeira vez, reparei na excelência analítica que elas demonstravam. Ele evitou dividir a Universidade em campos ou departamentos e lidar com os resultados dessa análise. Evitou também a divisão tradicional entre corpo discente, corpo docente e administração. Quando se divide a Universidade dessas duas maneiras, o que se obtém é mais ou menos o que se poderia obter pela leitura do anuário da faculdade. Fedro, porém, distinguiu a “Igreja” da “localização”; e, uma vez feita essa distinção, a mesma situação monótona e imponderável que se reflete no anuário é vista de repente com um grau de clareza que antes não era possível. Baseado nessa distinção, ele conseguiu explicar vários aspectos normais, mas enigmáticos, da vida universitária.

Seja vegetariano

No início eu tinha muito preconceito contra vegetarianos, porque os vegetarianos que eu conhecia eram uns VEGETAIS: eles eram contra qualquer forma de violência, até levantar a voz, e eles eram a favor de vidas totalmente contemplativas – como se eles tivessem feito uma leitura muito rasteira do Bhagavad Gita e se convertido àquilo.

Aí eu comecei a ver umas pichações dizendo "SEJA VEGETARIANO" e a minha cabeça começou a mudar, e em 2002 eu consegui uma bolsa sanduíche pra fazer uma parte do meu doutorado em Montreal, e lá eu virei vegetariano e depois vegano.

O parágrafo à direita é um pedacinho de um texto chamado "Este post é sobre Black Blocs. Mas ele começa sendo sobre outras coisas", que eu publiquei no Facebook e em outros lugares em out/2013.

Aí uma vez eu tava com um monte de outros vegans do Rio lá naquele restaurante na 1º de março que é num sobrado e que eu esqueci o nome, e tinha umas pessoas muito punks – em vários sentidos – no grupo, e a Bianca tava lá reclamando histericamente daquelas pichações que diziam "SEJA VEGETARIANO", dizendo que ninguém ia virar vegetariano por causa daquelas pichações, e eu disse "como assim, Bianca? Eu virei!" – mas ela me ignorou, e na semana seguinte lá tava ela dizendo de novo que aquilo era um absurdo, que aquilo só atrapalhava A Causa, que ninguém ia virar vegetariano por causa daquelas pichações, e eu tava lá tentando responder de novo, e a gente sempre ficava cada um dizendo a mesma coisa, cada um brincando de água-mole-em-pedra-dura-até-que-fura.

Consentimento

Camille Paglia
Porque “consentimento” é uma ferramenta ruim?
Se eu aprendo direitinho o que é consentimento
eu ganho um selinho de aprovação...
Pra que que ele serve?
Pra comer muitas mulheres!